

Das tradições indígenas aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos: as tecnologias do arco e flecha.

Jacqueline Cristina Jesus Martins

CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano

Durante o segundo semestre de 2023 no CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano os estudos tiveram com base no tema norteador 'tecnologias'. Pensando em atrelar esse tema as aulas de educação física e reconhecendo a importância da lei 11645/ 2008 e a ausência de práticas corporais que atendessem a legislação até o momento resolvi tratar das tecnologias a partir da perspectiva dos povos indígenas.

Partindo do conceito de que tecnologia consiste no conjunto de conhecimentos/saberes em torno de uma arte/ofício, ou de um fazer determinado, resolvi trazer para as aulas de educação física o arco e flecha indígena.

O trabalho teve como objetivos:

- Vivenciar e reconhecer o arco e flecha indígena como prática corporal tradicional, compreendendo seus significados culturais, simbólicos e históricos dentro dos modos de vida dos povos originários.
- Conhecer e experimentar o tiro com arco nas modalidades olímpica e paralímpica, identificando suas regras, técnicas, adaptações e valores associados à prática esportiva contemporânea.
- Comparar o arco e flecha indígena com o tiro com arco esportivo, reconhecendo as diferentes finalidades, contextos e sentidos atribuídos a essas práticas corporais, valorizando tanto os saberes tradicionais quanto os esportivos.
- Refletir sobre os processos de resignificação das práticas corporais indígenas, compreendendo como elas foram transformadas ao longo do tempo e como podem ser recriadas de forma respeitosa e significativa no contexto escolar.
- Desconstruir estereótipos e posturas pejorativas associadas às práticas corporais indígenas, promovendo o respeito à diversidade cultural e o reconhecimento dos saberes dos povos originários.
- Perceber as sensações corporais, afetivas e cognitivas geradas

pelas vivências, valorizando o corpo como espaço de expressão, memória e identidade.

- Agir com respeito e responsabilidade durante as vivências práticas, preservando a integridade própria e dos colegas.

Iniciamos o trabalho assistindo um vídeo apresentando os jogos mundiais dos povos indígenas¹ que foi realizado no Brasil no ano de 2016. Dentre as práticas vistas no filme vimos a natação, corrida, arco e flecha, lançamento da lança, corrida de toras, canoagem e traçamos os seus paralelos nos Jogos Olímpicos diferenciando os locais de realização assim como os implementos utilizados.

Ao assistir o vídeo além de observar os distanciamentos e as aproximações entre os Jogos Indígenas e os Jogos Olímpicos também assistimos a preparação de alguns grupos indígenas para as competições, onde foram relatados como eles se preparavam para esses jogos contando dos seus rituais de pintura dos corpos, uso de adereços e qual o significado de cada um desses itens na sua preparação.

Dentre as observações feitas ao assistirmos o vídeo, notamos que em competições de o arco e flecha, os implementos eram de tamanhos diferentes, ou seja, não eram padronizados. Aí pesquisamos um vídeo tratando especificamente da prova de arco e flecha. O vídeo² mostrava que cada etnia trazia o seu arco e sua flecha de acordo com o que eles produziam em suas tribos, e isso se diferenciava pela disponibilidade de madeiras e de outros componentes de cada região do Brasil e do mundo.

A partir dessa observação perguntei aos estudantes: e nos Jogos Olímpicos, como isso acontece? E os estudantes prontamente responderam que nos Jogos Olímpicos todos os arcos são iguais, são padronizados. Esse ponto foi importante pois se estávamos pensando em trazer as tecnologias dos povos indígenas uma das possibilidades era entender o arco e flecha como uma tecnologia produzida por esses grupos, visto que o arco e a flecha não servem apenas para a competição mas também para caça, pesca e para defesa.

Para iniciar os trabalhos apresentei um texto contando um pouco sobre os Jogos Indígenas, e nesse texto mostrava que na primeira realização dos jogos brasileiros dos povos indígenas em 1997 o Ministério do esporte ficou responsável por levar todos os materiais deixando assim todos os grupos em

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T4kue-JH2I>

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YLfhJ9akO4>

igualdade de condições e isso acabou sendo um fracasso, pois os grupos não estavam acostumados atirar com aqueles arcos e flechas que foram trazidos para a competição. A partir daí, em todas as competições indígenas cada etnia pode levar o seu arco e a sua flecha de acordo com a sua produção local. Essa a passagem do texto gerou uma discussão em aula sobre o que é mais fácil apenas utilizar um arco e uma flecha pronto ou precisar pensar na construção do arco e da flecha e ter que desenvolver a sua técnica de lançamento?

Na tentativa de responder esta questão passamos então a conhecer um pouco mais sobre a tecnologia envolvida na produção do arco e flecha indígena. Assistimos alguns vídeos onde alguns indígenas relatavam a produção do arco e flecha em suas etnias. As diferenças estavam nas madeiras utilizadas e nos materiais que usavam como ponta das flechas alguns usavam ossos, pedra e a própria madeira.

Nesse momento aconteceu algo inusitado, uma estudante levantou a mão e disse que possuía um arco e flecha em sua casa. Espantada perguntei: *mas por que você tem um arco e uma flecha em sua casa?* Ela respondeu que seu filho havia prestado serviço militar em Pacaraima no estado de Roraima e havia comprado um arco e flecha como lembrança. Solicitei a ela a possibilidade de trazê-lo para a aula e ela disse que traria na aula seguinte.

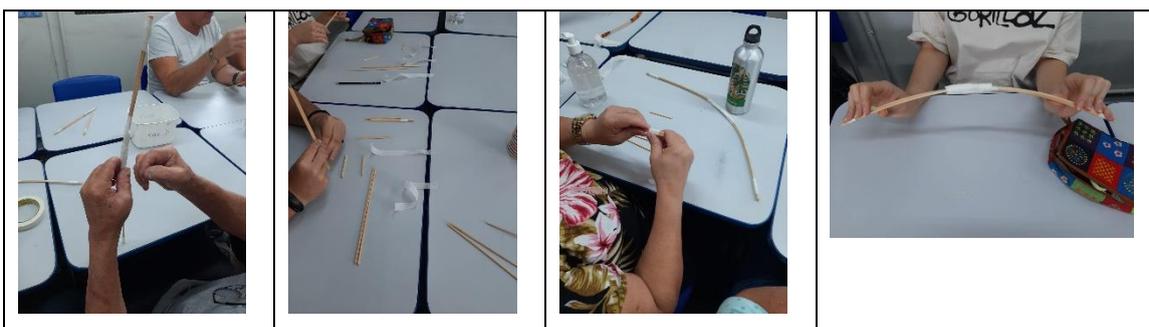
A partir desta discussão imaginei que construirmos o arco e flecha em nossas aulas seria extremamente importante para trazer a discussão da do desenvolvimento da tecnologia dos povos indígenas. Para tanto pesquisei vídeos ensinando a fazer arcos e flechas, mas haviam dificultadores que eram os materiais necessários. Para isso acabei fazendo uma opção pela construção de arcos e flechas com materiais simples apenas para que experimentássemos o processo de construção de um material e depois que usássemos o material construído.

Na aula seguinte propus a confecção de arcos e flechas utilizando espetos de bambu. Apresentei um vídeo mostrando como fazer, disponibilizei os materiais e cada estudante construiu o seu arco e flecha durante a aula. Após a construção fomos experimentar como ficaram cada arco e flecha. Para nossa surpresa, os arcos ficaram ruins, mais da metade quebraram durante os testes. Mesmo com o grande número de quebras dos arcos, os que funcionaram promoveram uma experiência interessante para os estudantes que estavam na aula. Muitos estudantes falaram sob suas experiências na infância com o material que eles denominaram de bodoque ou badoque, um brinquedo usado enquanto crianças principalmente na região nordeste. Muitos relataram que abatiam passarinhos,

nao como divertimento, mas como necessidade alimentar. Apesar de muitos dos arcos terem quebrado, essa discussao foi importante para entendermos a diferenca entre so precisar desenvolver a tecnica de atirar e precisar desenvolver o material.



Bodoque trazido pelo estudante. O objeto se assemelha ao arco, mas lanca pedras.

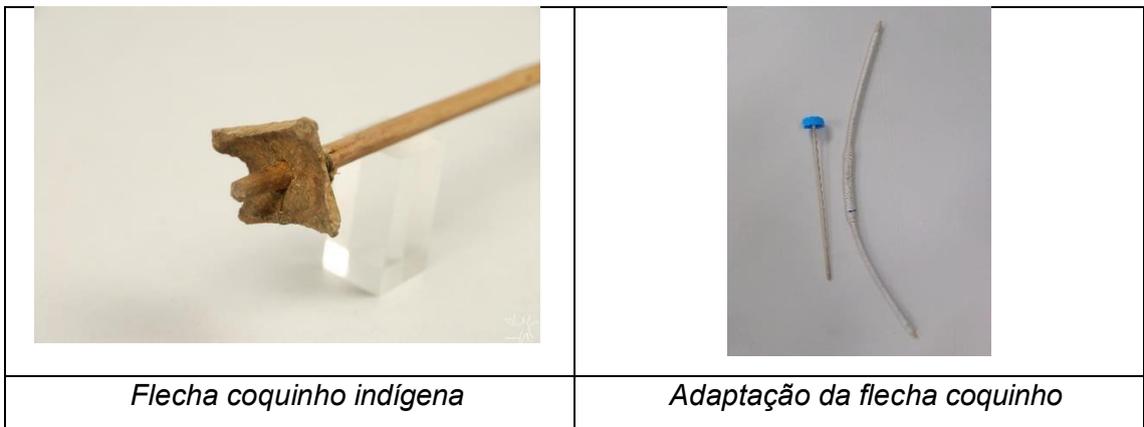


Costruindo os arcos e flechas.

Na aula seguinte, a estudante que havia dito que tinha um arco e flecha o trouxe para a aula. Logo no inicio da aula passamos o arco e a flecha de mao em mao e todos foram observando vendo de quais materiais eram feitos e qual a funcao daquele arco. Aparentemente aquele era um arco apenas para enfeite tendo um *design* mas rebuscado na intencao de ser guardado como uma lembranca. Apas observar o arco e flecha indigena trazido pela estudante, falamos sobre a importancia da qualidade do material produzido para a realizacao do tiro com arco e com a flecha. Em seguida, retomamos a confeccao dos arcos. Dessa vez alem de construir o arco nos o enfeitamos, com a intencao de que cada estudante soubesse qual era o seu arco. O uso das linhas para enfeitar o arco ajudou a manter a madeira um pouco mais fixa o que diminuiu muito a quebra dos equipamentos durante a aula.



Durante a leitura do texto que tratava sobre se a importância do arco e da flecha para os povos indígenas um dos itens falava sobre a flecha coquinho, um modelo de flecha com a ponta mais arredondada, que visa abater aves de pequeno porte principalmente quando os indígenas querem utilizar as suas penas para a confecção de cocares, adereços ou enfeites. De posse dessa informação as flechas que havíamos preparado para a aula tinham em suas pontas tampas de garrafas PET fazendo alusão a essas flechas coquinho.



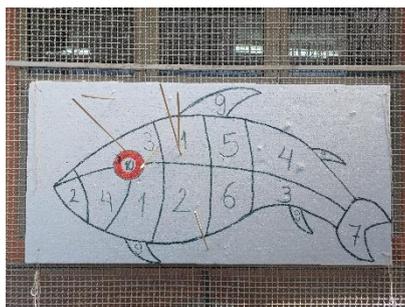
Para experimentar o arco e a flecha nesta aula propus um jogo em que era necessário derrubar uma torre de copos colocada a 3 m de distância dos estudantes. Foi um jeito encontrado para que os estudantes treinassem o lançar da flecha tendo um alvo a ser acertado. Nesta aula uma das maiores dificuldades foi aprender a atirar com arco e flecha “indígena” pois era necessário criar uma técnica para lançar as flechas. Apesar das dificuldades, foi muito interessante

observar que estudantes com deficiência, as estudantes idosas e pessoas com poucos experiências corporais foram bem sucedidas e em muitos casos derrubaram todos os copos ou marcaram muitos pontos. É importante ressaltar que na educação de jovens e adultos muitas pessoas não tiveram acesso às práticas corporais e para algumas, a aula de educação física na escola é a única oportunidade de conhecer, experimentar, aprofundar, ampliar e ressignificar as práticas corporais. Me lembro que nessa aula uma estudante, mulher idosa ficou em primeiro lugar, e com um sorriso no rosto pediu para que tirássemos uma foto dela ao lado do placar para que ela enviasse para o seu filho, para mostrar que ela havia sido campeã. Acho importante relatar aqui porque citei esse recorte da aula, pois as pessoas adultas no processo de alfabetização enfrentam muitas dificuldades e muitas vezes demonstrar para os seus amigos e familiares que ela foi bem em algo escolar é marcante para o sucesso dessas pessoas na escola.

Conhecendo o percurso escolar de alguns desses estudantes, posso afirmar que suas dificuldades no processo de alfabetização sempre os colocam em condições diferentes dessas experimentadas nessas aulas. Ter sucesso em algumas atividades escolares contribui para sua permanência na escola. Foi interessante que alguns estudantes falavam que não gostavam de faltar no dia das aulas de educação física, algo inusitado para o componente curricular nessa modalidade da educação básica.



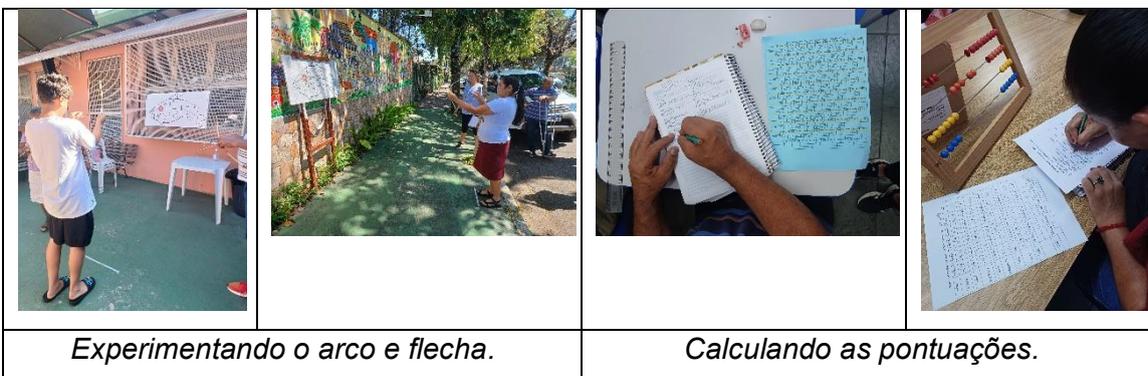
Dando sequência no trabalho, uma das coisas que havíamos observado era que na competição de arco e flecha indígena o alvo era o desenho de um peixe ou de uma capivara. Para isso, organizamos um alvo no formato de um peixe. Esse alvo foi construído em uma placa de isopor para que pudéssemos manter os mesmos arcos, modificando apenas a flecha. Agora ao invés do uso das flechas “coquinho”, utilizamos os espetos de churrasco de madeira como flechas.



Alvo no formato de peixe utilizado no arco e flecha.

A técnica de lançamento seria a mesma, mas como a flecha era um pouco mais leve isso gerou uma grande dificuldade para acertar o alvo. Como muitas vezes a flecha acabava batendo de lado no alvo, os estudantes brincavam que eles estavam tentando matar o peixe “na paulada”, o que gerava risos e momentos de brincadeiras entre os estudantes.

Para a realização das competições, cada estudante tinha duas flechas a cada rodada realizada, e as rodadas variavam de acordo com a quantidade de estudantes nas aulas. A professora registrava a pontuação durante a realização do jogo e depois em sala de aula os próprios estudantes calculavam as suas pontuações e faziam a classificação final. Dessa forma articulávamos o trabalho de educação física com alfabetização e a matemática.



Experimentando o arco e flecha.

Calculando as pontuações.

Ser a campeã das disputas em diferentes dias fez com que Edna³, de 60 anos se sentisse feliz todas as vezes que seus colegas se referiam a ela como a “cacique” em alusão as suas habilidades com o arco e flecha, ou ainda quando eles diziam: “*vamos disputar o segundo lugar, pois o primeiro já é da Edna.*”

³ Nome fictício.

Nome	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	Total
ANDRÉ	6	2	2	1	2	2	2	2	2	2	20
WANDER	2	2	2	4	2	2	2	2	2	2	20
RODRIGO	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
CRISTIANE	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
MARIA EDUARDA	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
CRISTINA	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
LUCKY	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
GERALDO	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
SUZY	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
FRANCA	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20
ROGERIO	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	20

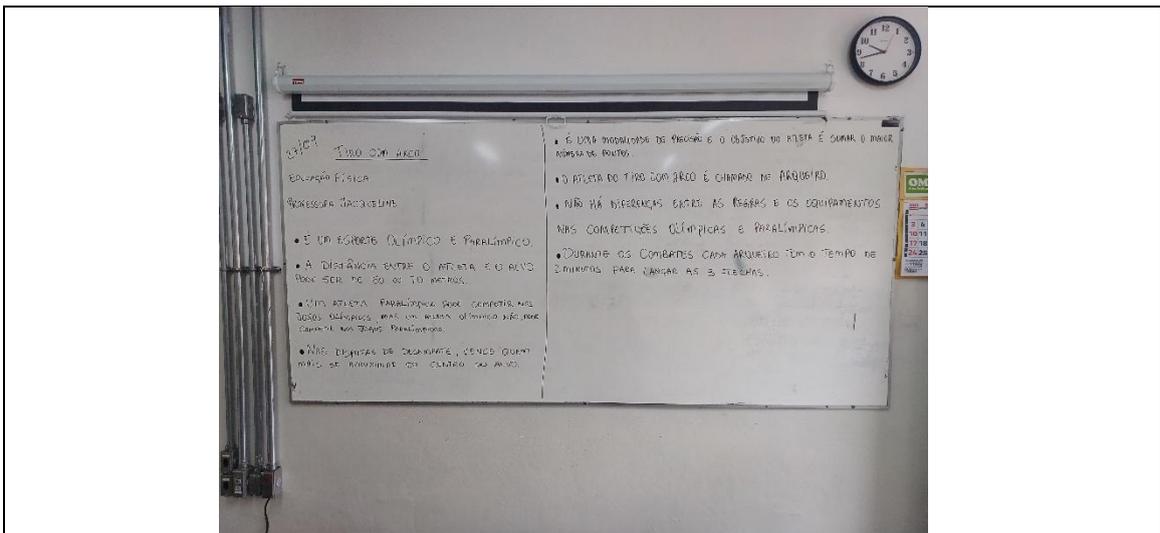
Registro da pontuação no tiro com arco indígena.

Outra coisa importante de registrar é que uma das poucas adaptações feitas pensadas para os estudantes com deficiência também beneficiaram estudantes sem deficiência que estavam com dificuldades de lançar a flecha. Isso mostra que garantir adaptações para que as pessoas com deficiência façam as mesmas atividades que os demais estudantes é, além de garantia de direito ao acesso àqueles saberes e também uma forma de ajudar outros estudantes.

Durante as aulas cada estudante se afeiçoou mais com um arco (como eles estavam enfeitados era fácil reconhecê-los) e até mesmo há algumas flechas. Fizemos a discussão que essas preferências existiam pelo fato de serem objetos artesanais, sem padrões, medidas exatas, pesos oficiais, enfim, que isso se aproximava do que acontece nos jogos dos Povos Indígenas e essa é uma grande diferença para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A partir dessa observação passamos a experimentar o arco e flecha industrializado. A escola possui arcos e flechas de lazer, com a ponta de ventosa. Para a realização dessas experimentações, assistimos alguns vídeos mostrando o Tiro com Arco tanto nos Jogos Olímpicos como no Jogos Paralímpicos. Em um dos vídeos⁴ o atleta apresenta o arco, a flecha, o alvo, as distâncias e as formas de competição. Nesse esporte, as competições acontecem da mesma forma nas duas competições, não havendo nenhuma diferença nas regras, equipamentos, distâncias, pontuação e formas de disputa, inclusive, um atleta paralímpico pode participar dos Jogos Olímpicos, porém o contrário não é permitido. Durante a exibição dos vídeos os estudantes ficaram impressionados com o tamanho do alvo e as distâncias dos alvos nas competições, que podem ser 50 ou 70 metros.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-AzDbfqvqQ>



Registrando o que vimos no vídeo sobre o Tiro com Arco.

Apresentei os nossos alvos, os arcos e as flechas. Por serem bem mais imponentes do que o que estávamos utilizando nas aulas anteriores, os objetos logo despertaram o interesse dos estudantes. Apresentei a forma de utilização e a forma de pontuação. Diferente do que havíamos visto nos vídeos, o alvo que tínhamos na escola tem a pontuação de seis a dez, enquanto no oficial a pontuação é de um a dez.



Experimentando o arco e flecha industrializado.

Na realização das vivências práticas, foi muito interessante, pois com esse arco é muito mais fácil de atirar, muitos estudantes acertavam a pontuação máxima e ficavam muitos felizes. Essa primeira vivência teve como objetivo apenas que eles experimentassem o material e comparassem com o arco e flecha produzidos por nós em nossas aulas.

O debate sobre as diferenças entre os equipamentos utilizados foi interessante. Os estudantes que se destacaram no uso do arco e flecha indígena expressaram preferência por esse equipamento, valorizando sua leveza e simplicidade. Por outro lado, aqueles que enfrentaram dificuldades com o arco anterior relataram maior facilidade com o arco esportivo, destacando sua precisão e estabilidade. Essa divergência gerou uma reflexão sobre os processos envolvidos na criação e uso de cada tipo de equipamento. Discutimos a diferença

entre dominar técnicas de uso de um instrumento já pronto e compreender todo o processo de construção de um artefato, como ocorre com o arco e flecha indígena. Os estudantes reconheceram que essa prática envolve múltiplos saberes, desde a escolha dos materiais disponíveis na natureza até as formas de confecção e uso revelando um conhecimento ancestral complexo e profundamente conectado ao território. Essa valorização não diminui o mérito dos atletas olímpicos e paralímpicos, mas amplia o reconhecimento dos saberes indígenas como legítimos e sofisticados, rompendo com visões simplistas ou pejorativas sobre os conhecimentos desses povos.

Durante essa tematização, o brasileiro Marcus D'Almeida foi campeão mundial do Tiro com Arco, aí aproveitamos para ver um vídeo⁵ da final em que ele venceu. Aproveitamos para fazer as observações sobre as formas de competição e as regras e distâncias na realização das disputas.

Após assistirmos esse vídeo construímos um alvo maior, mais próximo ao alvo utilizado nas competições olímpicas e paralímpicas. Esse novo alvo utilizou a pontuação oficial de um a dez e foi feito para uma flecha com ponta. Nessa mesma aula lemos um texto abordando o tiro com arco nos jogos olímpicos e paralímpicos e fizemos um registro dos conhecimentos adquiridos.



Alvo confeccionado para o uso da flecha com ponta.

Nas aulas seguintes realizamos as disputas utilizando a flecha com ponta e nos formatos das competições oficiais, ou seja, eliminatórias em duplas e depois o cruzamento dos vencedores. Também nos atentamos as regras utilizadas. Novamente o número de mulheres chegando às finais e vencendo as disputas as colocaram em lugares de destaque nas aulas, e isso é uma marca importante para o reconhecimento das mulheres como participantes das práticas corporais.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Chx7mrQafPU>



Retomando as ações interdisciplinares, em uma das aulas realizamos os registros da pontuação e os próprios estudantes calcularam as pontuações e fizeram a classificação final. Essas atividades contribuíram com o processo de aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática entre os estudantes, o que apesar de não ser foco do componente curricular, pode ser realizado como forma de compreensão de todos os elementos que envolvem a prática corporal tematizada, e saber calcular a pontuação está incluso nessas habilidades.

Quando iniciamos o trabalho, os estudantes se referiam a tecnologias apenas os objetos eletrônicos ou que se conectavam com a internet, mas apresentamos que o conceito de tecnologia para além disso, apresentando a ideia de produções que facilitam a vida. Apesar dessa ampliação no conceito de tecnologia, propus uma vivência do arco e flecha virtual, utilizando o videogame.

Essa nova experiência foi muito interessante, pois o uso do vídeo game exige movimentos completamente diferentes tanto do arco e flecha indígena como do tiro com arco olímpico e paralímpico, e isso foi um desafio muito importante para alguns estudantes. Algumas pessoas que nunca tinham jogado videogame diziam que teriam muita dificuldade, mas ao jogar e acertar a pontuação máxima ficavam muito felizes e afirmavam que era a primeira vez que jogavam aquele jogo. Utilizar esses outros objetos nas aulas de educação física, ampliamos o repertório corporal e dos diferentes conhecimentos dos estudantes da EJA, assim como contribui na inclusão digital. Acessar essas novas formas de jogar é importante para todos os sujeitos que vivem nessa sociedade.



Assim como nas demais modalidades, registramos os pontos e calculamos a pontuação e fizemos as classificações dos estudantes. Em uma das turmas uma senhora se destacou muito e ficou em primeiro lugar, o que a deixou muito feliz.

Já encaminhando o trabalho para a sua finalização retomamos o arco e flecha indígena, mas com a ideia de apresentar uma outra forma de utilizar o arco e a flecha. Apresentei o jogo TA da etnia KALAPALO⁶. Trouxe para a aula um livro que trata das práticas culturais dessa etnia. Assistimos o vídeo mostrando como o jogo acontece. Discutimos as diferenças entre o jogo e o a competição que acontece nos jogos indígenas, conversamos sobre a realização das brincadeiras em determinadas épocas do ano, sobre quem são os participantes, a confecção dos materiais e entendemos o funcionamento do jogo.

Após essas discussões realizamos o jogo adaptando a nossa realidade. Apesar de entender o funcionamento e a organização do jogo, o nosso espaço de aula, a rua em frente a escola, não nos permite a realização de determinadas atividades, pois também estamos à beira da rodovia Raposo Tavares. A nossa ampliação sobre os saberes dos povos indígenas sobre o arco e flecha, reconheceu que esse jogo ajuda os Kalapalo a atirar em alvos em movimento, e baseamos a nossa vivência adaptada nesse objetivo.



Ao final da tematização, utilizamos os tablets para realizamos uma

⁶ Disponível em: <https://vimeo.com/5641782>

avaliação final sobre o trabalho realizado. Nesse registro final os estudantes registraram sobre o todo o percurso que fizemos, contaram quais foram as aprendizagens, quais modalidades mais gostaram, o que aprenderam, o que foi mais fácil e o que foi mais difícil e como esse estudo contribuiu com a sua formação.



Finalizamos o trabalho compreendendo que a proposta possibilitou aos estudantes vivenciar práticas corporais de diferentes contextos e refletir sobre os sentidos atribuídos ao arco e flecha indígena e ao tiro com arco esportivo. Ao reconhecer o arco e flecha como tecnologia ancestral, ampliaram sua compreensão sobre os saberes dos povos originários. O contato com as modalidades olímpica e paralímpica, inclusive em sua versão virtual por meio de videogame, permitiu reconhecer a diversidade presente no esporte contemporâneo e provocou comparações entre o real e o digital.

Encerramos o percurso acreditando termos caminhado na direção dos objetivos traçados inicialmente e que as ações didática contribuíram tanto para a ampliação das experiências e vivências corporais quanto para a ampliação dos conhecimentos sobre as práticas corporais estudadas. Muitos estudantes relataram que nunca haviam experimentado essas práticas e se sentiram respeitados e incluídos ao perceber que seus corpos, independentemente da idade ou condição física puderam participar e aprender.

Dessa forma, a Educação Física se mostra como um componente curricular potente na EJA, reconhecendo e valorizando a diversidade, a construção do conhecimento e a promoção do respeito mútuo.

Vídeo com imagens das aulas disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UpbFuMCW73E>